

Discurso de homenagem a Mário Pinheiro Chagas e Carlos Pires

por Pedro Pitta
Bastonário da Ordem dos Advogados

Minhas senhoras
Meus senhores

Os advogados portugueses abrem hoje as portas de sua casa para, solenemente, prestarem homenagem a dois colegas que foram presidentes da sua Ordem e ocuparam lugares de grandes entre seus pares.

Os drs. Mário Pinheiro Chagas e Carlos Ferreira Pires são, na verdade, valores dos maiores na advocacia portuguesa; esta homenagem, por ser justa, era-lhes devida; e, se há que ofereça reparo, é não ter sido prestada ainda.

A vida humana escoá-se tão rapidamente, que pode, em relação à do mundo, ser comparada aos brilhantes lampejos dos fogos-fátuos em noite de cerrada negrura. O presente rapidamente se transforma em passado, lembrando as nuvens lá no alto, em dias de vendaval; quando uma surge ao longe e, crescendo, vem em louca correria, para desaparecer no horizonte, no próprio momento em que outra e outra e outra a seguem, para igualmente se esconderem.

Na verdade, o número dos que foram contemporâneos de uma pessoa ou de um acontecimento diminui com rapidez; menor em cada novo dia, dentro em pouco esses que conviveram ou conheceram a pessoa, ou que presenciaram o acontecimento ou porventura nele tomaram parte, estão inteiramente substituídos.

Ora, não é com lendas e fantasias que se faz a história. Todos sabemos como, a pretexto de se fazer história, se constroem as mais escandalosas deturpações. Criam-se resplendores de santos, a quem

mau se revelou ; transformam-se mediocridades em grandes valores ; e até às atitudes que o tempo não conseguiu esbater se lhes mudam as intenções, explicando-se com a inteligência, por exemplo, o que sòmente a cobardia impôs, como se a história, que deve ser a verdade, servisse para mascarar pessoas e acontecimentos em carnavalescas construções.

Embora pondo-se de parte quanto represente propositada deturpação, tem de reconhecer-se que reconstruir a distância não é empresa de tentadora facilidade.

Para afastar este inconveniente, têm as gerações de fazer, para os que hão-de vir depois, as biografias dos grandes valores seus contemporâneos.

Se a aparência pode ser ilusão, a lenda é sempre deturpadora. O povo não se engana quando afirma que «a contar um conto sempre se acrescenta um ponto».

O bronze ou o mármore que em praça pública se ergue a consagrar a memória de um homem pode, sem mal, nem ter com ele semelhança ; pode mesmo a estátua ter sido feita para outro homem representar, sem que isso importe. Aquela que devia homenagear um imperador e que o seu povo, destituindo-o, não deixou erguer, está bem próxima de nós, e é outro o rei-imperador que ela representa.

Efectivamente, não ser perfeita a semelhança ou uma feição é mal de pouca monta ; mas só a verdade pode ser material utilizável ao fazer-se a biografia de alguém. E se é exacto — e não serei eu quem o negue — da verdade ninguém ser detentor, também não é discutível que esta melhor pode ser criada por alguém dentre os que conviveram que, destes, os restantes a não deixarão alterar.

Salvar a verdade de fantasiosas criações, legando ao futuro, intactos no seu valor, os que foram grandes, é dever imperioso que não comporta adiamentos. E, pois que é dever, cá estamos a cumpri-lo.

Demais, fazê-lo está longe de constituir esforço ou sacrifício.

No labor, penoso às vezes, do dia-a-dia, fazem bem estas pausas. Vestem-se galas para um convívio agradável ; a má disposição que a canseira tão frequentemente produz, distendendo os nervos e provocando irritações, entra em ponto-morto ; e vivem-se momentos que são raros, nesta profissão em que abundam cuidados e emoções.

Não pertenceram a um passado remoto aqueles que homenageamos hoje. Em todo o caso, são dezenas de anos, os que decorreram sobre aquele em que me transferi para Lisboa, e era nessa época, precisamente, que Chagas e Pires brilhavam na advocacia como astros de primeira grandeza.

Da geração actual muitos não chegaram a conhecê-los; a maior parte não assistiu aos seus triunfos; poucos são, afinal, os que podem ainda prestar depoimentos como testemunhas presenciais.

Eu sou, porém, dos que têm o direito de fazê-lo.

Assisti às suas vitórias; tive, algumas vezes, a honra de ser, nas batalhas dos processos, adversário de um e de outro; e foi precisamente aí, nos processos, que, a par de uma camaradagem sempre leal e franca, nasceu a amizade que me ligou a qualquer deles, maior sem dúvida em relação a Carlos Pires.

Era tão grande o prestígio de que gozavam, que não nos faltava receio quando nós — os novos de então — ocupávamos os lugares, ao lado dos seus, nas bancadas reservadas aos advogados; e até os mais irreverentes — não pretendo escusar-me à inclusão no seu número — não se sentiam à vontade.

Existiram sempre grandes valores na advocacia portuguesa.

Naquela época, porém, eram muitíssimos. Ao lado destes dois, hoje recordados, brilhavam, entre outros, Vicente Monteiro e Martins de Carvalho, Domingos Pinto Coelho, Matos Cid, Pereira Reis e Manuel Duarte, Pinto dos Santos, Cerqueira e Mário Monteiro, Catinho de Meneses e Orlando do Rego, para só referir aqueles que já deixaram o mundo em que vivemos, a cujos nomes poderia juntar os de tantos, e mais os daqueles que foram também valores de então e se encontram ainda, felizmente, no nosso convívio.

Os rosários têm contas maiores que separam, dezena a dezena, as outras contas. Os nossos profissionais podem também ser representados pelas contas de um rosário, maiores uns, outros menores; mas em tal número aqueles, que a escolha de um, entre esses, não é isenta de dificuldades.

Eu próprio as senti ao ter de convidar dois, para confiar-lhes os elogios históricos desta noite.

Sem querer magoar uns, por preferência dada a outros, determinei-me, quanto a um, pela semelhança de feitio e modo de ser;

e quanto ao outro, pelo maior convívio e, consequentemente, melhor conhecimento do homenageado.

Na verdade, só um colega que tivesse feito o hora a hora da vida com Carlos Pires podia ter surprehendido os seus verdadeiros sentimentos, a sua real maneira de ser, que ele teimosamente ocultava por detrás da máscara de dureza que apresentava ao semelhante; e só quem fosse dotado daquela elegância física e moral que caracterizava Pinheiro Chagas poderia bem compreendê-lo e revelá-lo.

Como vai ver-se, acertei. Um e outro são autênticos valores da geração actual, ambos fazendo parte do Conselho Distrital de Lisboa da nossa Ordem, como presidente um, como vogal o outro.

Semelhantes as suas vidas, começam do nada e vêm, por força de vontades fortes, até marcarem lugar de evidência, em valor e em prestígio, na profissão.

Efectivamente, não podendo a família proporcionar-lhes recursos, um e outro os procuraram no esforço do trabalho.

A diferença inicial está em que, enquanto o dr. Constantino Fernandes trabalhava de dia e frequentava, à noite, a escola técnica, o dr. Heliodoro Caldeira estudava e, ao mesmo tempo, leccionava.

A ambos, a política perturbou. Constantino Fernandes, em 1919, deixou tudo para, incorporado num dos batalhões, seguir para o Norte a combater a tentativa de restauração monárquica. Regressado à vida que lhe dava o pão e ao estudo, concluiu em 1925 a sua formação em Direito.

Veio o 28 de Maio. Uns não quiseram colaborar, e Constantino Fernandes foi um deles. Entendendo que a liberdade para trabalhar e ganhar a vida, pensando como entendia e queria, só a advocacia poderia proporcionar-lhe, iniciou a sua vida como advogado; e a que tem feito é efectivamente a de um profissional distinto e de um perfeito homem de bem.

Heliodoro Caldeira, que trabalha quase desde criança para viver e para, ainda, auxiliar os seus; que corre de deportação em deportação, os Açores e Cabo Verde, aqui palmilhando, uma a uma, todas as ilhas com nomes de santos, sempre encontrando, a leccionar, o que há-de proporcionar-lhe o pão que come e a ajuda que dá à família; que atrevidamente dali foge para a Argentina, onde o jornalismo e as lições lhe não deixam minguar os recursos de que carece, não

conseguiu sem novas intermitências, causadas por novas prisões, concluir o seu curso senão em 1941.

Pouco tempo lhe bastou, porém, para se afirmar o advogado que é.

Olha-se para ele e para a sua vida e tem-se a certeza de que o tamanho dos corpos nada nos diz quanto à grandeza das almas e ao valor dos homens.

Como estes dois souberam demonstrar que a luta, que é a vida, dá a vitória a quem sabe querer !

Quantas contrariedades, quantas amarguras que a tenacidade venceu, para chegar à consoladora posição de ser alguém entre os iguais !

Vamos ouvi-los daqui a instantes. As suas orações serão por certo formosíssimas, que nenhum deles é susceptível de aceitar uma missão para mal a cumprir.

Admiro-os e estimo-os a ambos. É mais velha, porém, a amizade que me liga ao dr. Constantino Fernandes, nascida quando ambos fazíamos parte de um Conselho Geral, no tempo que deu tempo ao Tempo para pintar de branco os nossos cabelos pretos.

Compreendo a vossa ansiedade em ouvi-los. Por isso mesmo, não me consentirei grande demora em ceder-lhes o lugar.

Minhas senhoras

Meus senhores

Ouçõ dizer que a memória não é, geralmente, um bem que os velhos conservem.

Os anos gastam-na, como a tudo o mais ; diluem-se as recordações ; e, nas que ficam e se conservam, há sempre um véu de imprecisão a envolvê-las, quando não se transformam em esboço esfumado e incerto.

Mas também se afirma que este mal que a idade cria e a velhice aumenta se manifesta com maior intensidade em relação ao passado mais próximo, quase não operando nas recordações distantes que ficaram da mocidade e, principalmente, nas da infância.

Seja como for, ou por não ter atingido ainda a idade em que o fenómeno surge, ou porque constitua excepção a essa regra, o certo é que nenhuma queixa posso formular a tal respeito.

De todos os acontecimentos em que participei, como de todos aqueles de que fui simples espectador, tenho recordação perfeita.

Vejo-os, tais quais; tenho como que guardadas palavras então proferidas, gestos, atitudes, até em certos casos os olhares de incredulidade ou de repulsa.

Pouco frequentador de cinemas, disponho sempre de um cinema que ponho a funcionar quando me apetece, escolhendo, para fazê-la correr, aquela fita que reproduz um acontecimento qualquer do meu passado.

Ao pretender fixar o dia para esta homenagem, encontrei-me, quase sem dar por isso, a recordar. No *écran* desse único cinema que frequentei com assiduidade fiz passar, sucessivamente, os passos que dei com eles: não só os de camaradagem, mas também os da convivência; e, com Carlos Pires em especial, os de amizade.

A aproximação destas duas figuras fez-me notar uma circunstância pela qual nunca dera; e, por dela não ter ouvido falar, presumo que ninguém tenha dado ainda: o profundo contraste entre um e outro.

Efectivamente, se excluirmos a rectidão, a honestidade e o mérito — que lhes eram comuns —, não é possível deixar de verificar-se, em tudo o mais, o perfeito contraste que opunha — bem pode dizer-se — um ao outro.

A começar pelo físico. Carlos Pires era curvado e pesadão; batia os pés com força; os seus gestos eram sacudidos e sem maleabilidade, assemelhando-se aos do lenhador quando amputa, a machado, os mais grossos troncos.

Mário Chagas, pelo contrário, andava sem se dobrar; a cabeça bem erguida sobre os ombros; suavidade no olhar e nos gestos; a elegância de um *gentleman*. O retrato que aqui está na vossa frente é perfeito na atitude que fixou — tão sua. Aquela mão, elegantemente colocada na ilharga, completa o retrato. Ele vivia assim — sempre, em tudo. Andava, convivía, advogava — assim: mansamente, elegantemente.

Com efeito, Chagas, a advogar, nem erguia a voz, nem deixava de sorrir; inquiria e instava brandamente, quase suavemente.

Carlos Pires, não. Habitua-se a fazer o que as crianças chamam «cara feia» e, se um sorriso podia aflorar-lhe os lábios quando inqui-

ria, era de sobrececho carregado que instava, e os seus gestos, a alegar, tinham dureza igual à das palavras, tão duras, por vezes, como pedradas.

Chagas adorava o acordo, como fim de uma demanda. A probabilidade de ganhar não o fazia deter.

Propunha-o sempre, insistia por ele. «No acordo — dizia-me uma vez — há sempre qualquer coisa que se ganha ; e isto de arriscar tudo por tudo só é legítimo quando outra possibilidade não há, ou quando se joga o que é nosso».

Para Carlos Pires, falar em acordo era pouco menos que uma ofensa. Franzia a testa, encolhia os ombros, e era contar com uma resposta desagradável.

Certo dia em que, na Boa Hora, fora interrompida a audiência de um julgamento em que intervínhamos, um jovem colega dirigiu-se-lhe perguntando em que termos poderia ser feito acordo no processo em que eram antagonistas.

Nunca lhe vi uma cara mais carrancuda. Olhou-o de alto, mediu-o bem e, depois, disparou-lhe : «O senhor é muito novo — sabe ? Os advogados perdem ou ganham acções. Eu, pelo menos, não sou negociante».

E continuou comigo a conversa interrompida, sem mais pensar no pobre colega que se atrevera a propor-lhe uma transacção.

Outro contraste : Carlos Pires agredia, por vezes, a parte contrária. Se o processo lhe desse para tanto, caía, inexorável, sobre o adversário do seu cliente, para tirar partido sob os chamados aspectos sentimental e moral.

Mário Chagas, por princípio que transformara em sistema, desconhecia a existência do adversário do cliente.

«Fujo, quanto posso, à roupa suja» — ouvi-lhe um dia.

Ainda outro contraste :

Carlos Pires não ia para um julgamento sem conhecer um processo em todas as suas minúcias ; e utilizava as mais pequeninas circunstâncias de que pudesse tirar partido para o seu constituinte. Era minucioso, meticoloso ; por isso mesmo, longo.

Mário Chagas, pelo contrário, como bom esgrimista, trazia das salas de armas a tendência para os golpes rápidos.

Concentrava o seu ataque no ponto que considerava fundamen-

tal, e explorava-o a fundo. Sempre com poucas palavras; um golpe como os de teatro.

Assisti no velho Tribunal do Comércio de S. Pedro de Alcântara ao julgamento de uma causa em que se discutia se havia ou não concorrência desleal num caso de sabões com depósito a favor do autor, que vinha alegar ter o réu fabricado com feitiço e aparência semelhantes o sabão que vendia.

Era advogado do autor o grande Manuel Duarte, a cuja memória — gratíssimo ao muito que fiquei a dever-lhe — rendo o preito da maior admiração e de uma profunda saudade, que me fará deixar esta presidência de mal comigo, se antes aqui lhe não promover a homenagem a que tem todo o direito.

Manuel Duarte colocara na bancada dois montes de livros; espalhará papéis; tomara apontamentos; e fez alegações extensas, de todo esse material lançando mão.

Chagas, que representava o réu, encostado na sua cadeira, ouviu atentamente; mas sem tomar um apontamento. Uma das mãos pousada sobre a mesa, a outra alisando o bigode, em gesto muito seu.

Quando Manuel Duarte, suando extenuado, quase caiu sobre a cadeira, Chagas, baixando-se um pouco, tirou de sob a bancada um pacote, que serenamente colocou sobre ela.

De pé, sem proferir uma palavra, foi desfazendo o embrulho, tendo o cuidado de realizar a operação com todo o vagar. E só falou para, empunhando os dois paus de sabão — o depositado e o questionado, um em cada mão —, dizer para os jurados:

— Os sabões são estes... A noite e o dia...

E sentou-se.

Mas ao sentar-se ouviu — proferida em voz ciciada — réplica tão dura e mordaz da parte do colega, que o esforço que teve de fazer para, congestionado, sufocar o riso, foi incomparavelmente maior do que o despendido com a acção, que, afinal, veio a ganhar.

Nada foge a esse profundo contraste em que venho falando. Monárquico, Mário Chagas que fora deputado na monarquia, exila-se na república; e volta do exílio fiel ao seu credo e ao seu rei — que isto de ideias não costuma ser, para os homens de bem, carga de porão que se alije para o mar em horas de temporal.

Carlos Pires, homem de poucas exteriorizações, não tomou parte nas lutas políticas; mas era republicano.

Estou a abusar.

Nem me atribuo o direito de fazer elogios históricos que a dois prezados colegas confiei, nem me consinto privar V. Ex.^{as} por mais tempo de ouvir os seus discursos, brilhantes sem dúvida, e que tanto de belo nos dão de dar.

Não lhes cederei, porém, a vez, antes de arrancar a Carlos Pires a máscara de brusquidão e de dureza que toda a vida teimou em afivelar.

É que eu conheci-lhe atitudes de grande bondade; as suas durezas não resistiam ao infortúnio; não mostrava sensibilidade, porque cuidadosamente a ocultava; era grato em extremo, até mesmo quando à gratidão não havia lugar.

Dois factos, para só dois referir :

Quando ele ocupava a presidência desta Ordem, foi recusada uma inscrição nos quadros da advocacia. Intransigentemente, manteve-se surdo às muitas solicitações que lhe foram feitas no sentido de não ser mantida aquela exclusão. Não me escusei — eu também — à tentativa de quebrar aquela intransigência; mas conhecia-o bastante para nada lhe pedir. Adoptei o caminho, que sabia melhor, de pô-lo em face de uma injustiça.

Procurei-o e consegui que me deixasse falar-lhe por longo tempo.

O que era invocado como impeditivo da entrada pertencia a um passado muito distante já; ser advogado representava o meio, obtido com o trabalho honesto de muitos anos, de conseguir definitivamente a vida de uma pessoa de bem. E, abruptamente, depois de largamente expor e argumentar, perguntei-lhe :

— Quer tornar inútil todo este esforço de tantos anos? Quer ter a responsabilidade de mandar regressar a esse passado que tanto lhe censura, quem, com o maior esforço e sacrifício, trabalhou honestamente, durante anos e anos, para dele sair?

Vi que o tinha abalado; mas, da sua boca, apenas ouvi esta resposta :

— Pois que requeira novamente. Não voto, mas não me oporei.

Não insisti. Tinha a certeza de que a batalha estava ganha. Durante a exposição que acabava de fazer-lhe, tinha visto acentuado o franzir da testa, mas notara, também, o seu esforço para disfarçar a comoção que o enevoado do olhar revelava.

Quando, ao descer a escada do seu escritório, pisava o último degrau, de lá de cima, vinha-me uma última recomendação :

— Olhe que isto fica entre nós. Segredo absoluto. Não gostaria de que alguém conhecesse esta minha transigência...

Guardei-lhe o segredo enquanto viveu. Seria, porém, depoimento incompleto o meu e não isento de maldade, se ocultasse ainda agora tão importante pormenor.

Outro facto :

Em certo dia, fui procurá-lo para tratar de assunto que interessava ao mesmo tempo a clientes, uns dele, outros meus.

— Deixei de advogar, disse-me. Cancelei a minha inscrição.

Estava comovido. E acrescentou, logo a seguir :

— Deixar, tinha de deixar... mas custa. Se custa ! Oxalá você nunca saiba o que representa deixar a advocacia para sempre, quando se advogou em mais de meio século.

A máscara, embora mantendo-se ainda, já oscilava no seu rosto.

Não conseguia esconder-lhe a emoção que eu lia no seu olhar e que senti quando, ao despedir-me, me apertou contra si. Juraria que, pela segunda vez, uma lágrima indiscreta bailava nos seus olhos...

Algum tempo depois fui eleito para o Conselho Superior da nossa Ordem, e foi por proposta minha, votada por unanimidade, que Carlos Pires foi advogado honorário. Ninguém com mais direito alguma vez o foi. Mas — estou em afirmar — ninguém experimentou sentir gratidão maior.

Aquela lágrima que, por duas vezes, eu apenas adivinhara escorregou no seu rosto, quando me abraçou.

A dureza, afinal, não passava de máscara ; e esta caíra, definitivamente.

Minhas senhoras

Meus senhores

Acompanhando o regresso das andorinhas, as plantas cobrem-se de borbotões, de que hão-de surgir rebentos e flores, anunciando-nos a primavera ; e é pleno de luz, de calor e de vida que o verão nos aparece, seguindo-lhe os passos.

De tonalidades menos vivas e menos brilhantes, embora de uma

suavidade maior, reveste-se o outono ao suceder ao verão, quando desnuda as árvores, despindo-as das folhas, antes de ceder lugar ao inverno, com chuvas e geadas, as neves, os frios e os ventos das tempestades.

As quatro estações nem só o ano dividem; na vida do homem há também, a dividi-la, quatro estações.

Percorri-as todas quando recuei à mocidade e vim, debruçado sobre o passado, até ao inverno, que é o meu presente.

Entre mim e os nossos homenageados de hoje, havia precisamente a distância de uma estação.

Quando os encontrei eu estava ainda na primavera — aquela estação em que as esperanças alternam com os receios, suplicam forças à audácia, e esta nos empurra para diante, na ânsia legítima de alcançar... o que possamos ser; eles, no verão, brilhavam com a maior intensidade. Eram, ao tempo, dos maiores. Foi a época das suas glórias, dos seus melhores triunfos.

Vi-os entrar no outono — o diminuir das suas forças — ao tempo em que, outros valores surgindo, uma repartição de trabalho por maior número foi reduzindo o seu.

Nome e fama, longe de acompanharem esta natural descida, aumentavam, cresciam, eram cada vez maiores.

Quase não sentiam o inverno — que até ele os respeitava e poupava. Salpicara-lhes as cabeças de minúsculos farrapos de neve, mas isso mesmo foi feito suavemente, como se utilizasse uma pequena mancha do pó com que as nossas bisavós polvilhavam de branco os seus cabelos; e foi pegando-lhes nas mãos que um em seguida ao outro aqui os trouxe, a ocuparem este lugar; a honra — já o afirmei — que eu reputo a maior entre tantas que a vida generosamente me tem proporcionado, e me permite, falando em nome de todos os seus pares, prestar-lhes, com saudade, esta homenagem, que é, a um tempo, da mais profunda admiração e do maior respeito.